

MUSEUS DE RUA*¹

Prof. Gaeta: Professor, fale-nos do senhor e da construção do museu de rua do Instituto Butantan.

Prof. Canter: Eu sou biólogo e sou diretor aqui da Divisão Cultural. Antes de vir aqui pro Butantan eu fiz pesquisa durante dez anos no Museu de Zoologia. Eu trabalhava lá com entomologia. Depois passei mais um ano no Biológico até que eu vim aqui pro Butantan pra ser diretor do museu biológico, que naquela época era o único museu que nós tínhamos aqui. Isso aconteceu em 71, portanto são 38 anos aqui no Butantan. Então eu digo sempre que sou um elemento jurássico aqui no Instituto, e testemunha ocular da história aqui. Sou um dos criadores, também, do museu histórico, porque nós tivemos, na ocasião dos 80 anos do Butantan a inauguração do museu histórico. Logo em seguida foi que nós instalamos o museu de rua. A idéia do museu de rua : o que me inspirou foi o museu de rua, o primeiro daqui de São Paulo. Ele foi instalado, é que vocês não conhecem bem o centro velho ... Alguém conhece? Você sabe o prédio da Light, ali no centro, em frente ao Teatro Municipal? Tem o antigo prédio da Light, que agora virou o Shopping Light, em frente tem o Teatro Municipal e tem o Viaduto do Chá. Então, na época, a prefeitura fez um museu de rua que saía ali do comecinho do Viaduto do Chá, atravessava o Viaduto do Chá, passava em seguida pela Praça do Patriarca, que é o que ele segue, entrava pela Rua Direita e ia até a Praça da Sé.

Prof. Gaeta: Eu não me lembro.

Prof. Canter: Ele não ficou durante muito tempo.

Prof. Waldemar: Foi em que década isso aí, professor?

Prof. Canter: Isso foi no começo de 80, época de 80.

Prof. Waldemar: E retratava o que esse...

Prof. Canter: Então, é isso que eu vou falar e, qual foi a minha idéia e qual foi a idéia geral aqui. Ele passou em cima do Viaduto do Chá. Então ele contava a história do Vale do Anhangabaú, pois de cima do viaduto você deslumbra, se olhar para a esquerda, você vê o Teatro Municipal. Então os painéis repetiam essa passagem toda. Aí eu tive a idéia de fazer aqui no Instituto uma coisa semelhante. A idéia original não era ele ficar onde ele está agora. Ele ia sair daqui da frente daqui biblioteca.

* Entrevista com o Prof. Dr. Henrique Moisés Canter, diretor da Divisão de Desenvolvimento Cultural do Instituto Butantan. São Paulo – SP – Brasil. 05503-900 - cultural@butantan.gov.br.

¹ Entrevista concedida aos professores *Antonio Carlos Gaeta*, *Waldemar Álvaro di Giacomo* (ambos da UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - Departamento de Administração Pública. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – gaeta@fclar.unesp.br; giacomo@unesp.br) e grupos de alunos da UNESP/Araraquara e da UNIARA, em dezembro de 2009. Transcrição feita por *Juliana Mussatto*, aluna do curso de Administração Pública na UNESP – FCLar – jumussato@fclar.unesp.br.

Prof. Gaeta: A biblioteca qual que é?

Prof. Canter: Esse prédio aqui, que é o primeiro prédio que foi construído aqui no Instituto Butantan. Ele é de 1914, esse daqui. Então, o museu de rua saíria daqui, desceria aí a ladeirinha, pegaria aquela alameda grande que nós temos, a Alameda Principal, aquela onde está o museu de rua, e viria até o fim, passaria na frente do museu histórico (vocês viram o museu histórico?), e depois voltaria passando pelo macacário e iria terminar ali praticamente ao lado do museu biológico naquela rua de baixo. E qual era a idéia? Saindo aqui da frente da biblioteca, ele contaria a origem desse prédio (isso aqui faz parte dele), falaria a respeito do prédio aqui da biblioteca, que foi o primeiro prédio construído pelo Vital Brasil pra ser a sede dos laboratórios do instituto, porque não havia instalação adequada pros demais laboratórios. Então acho que aí contaria a história daquele prédio. Do outro lado da ladeirinha lá tem o serpentário, contaria do serpentário. Você seguindo, passaria pela praça que tem, à esquerda, o que a gente (por incrível que pareça ele não tem nome, aquele prédio) chama de prédio novo. Ele é, felizmente, de 1940. Isso é forçando pra mim porque eu sou contemporâneo dele, né? Então, ali você tem o prédio novo, que é sede de vários laboratórios de pesquisa, mas ele já foi, por exemplo, ele já foi uma parte da área de produção. Hoje em dia a área de produção toda está localizada lá embaixo. Nós estamos fazendo um pólo industrial lá e a parte aqui, não digo mais nova, é uma parte mais aqui na parte de cima do instituto. O único remanescente aqui em frente é o BCG, mas já está previsto que em breve vai sair daqui e vai pra lá também. Então tem a história do prédio novo, à direita tem o museu. O museu vocês viram que tem um desenho lá, é uma ferradura, porque ele é uma antiga cavalaria (que a gente chamava), é uma coxia que antigamente os cavalos ficavam aqui. Era feita toda a hiperimunização, etc. e tal, e isso acontecia ali naquela cavalaria, entende? Um pouquinho mais adiante (não sei se vocês chegaram a ver) tem inúmeros pés de café ali. O Butantan, na década de 30, já realizou pesquisas, quando havia aquela superprodução de café, e que o café era queimado, que se pretendia, por exemplo, tirar proveito daqueles excessos, pra aproveitar matéria-prima. Então ia contando a história. E vai assim pra frente, do outro lado tem o heliporto, tem o hospital, tem o prédio onde fica a atual diretoria, que foi residência do diretor. Depois tem um pouquinho mais em frente, na hora de fazer a viradinha lá, se defronta com a antiga casa da fazenda. O Butantan, ele foi instalado originalmente, no início de tudo, numa fazenda, da qual nós herdamos o nome, chamava-se Fazenda Butantan. Uma fazenda imensa aqui. Tinha plantação de cana, tinha uma série de olarias e outras coisas aqui, e ela ia até o Rio Pinheiros, ela ia até o Jaguaré. Era imensa. Pra vocês terem uma idéia, a cidade universitária da USP está localizada dentro da antiga fazenda Butantan. Como todo mundo sabe, o governo do Estado desmembrou essa gleba toda pra construir a USP, e depois deu ao Instituto uma fazenda. Eram os trabalhos onde era feita hiperimunização. Então ele cedeu uma fazenda, que é a Fazenda São Joaquim, que se localiza, na época aqui perto, no município de São Roque. Hoje foi desmembrada. É mais ou menos 50 km aqui de São Paulo. Tem os cavalos, dessa parte de hiperimunização, é feita lá na fazenda. A gente ocupa lá mais ou menos uns 15% da fazenda. Ela é imensa. Tem outra parte toda lá que está conservado. Então, é aquela casa Vital Brasil que eu tava falando, por exemplo, que representa, que é muito bonita. Ela foi parcialmente restaurada, grande parte. Ainda faltou um apendicezinho muito bonito. Esse não conseguiu. E outra

coisa: o fato do museu de rua sair da rota e ir pra lá era uma maneira de forçar o pessoal a sair daqui desse centro, sabe? O pessoal ficava muito aqui, e tem o museu histórico, recém inaugurado lá. Então a gente achava que o pessoal ia andando e ia dar de frente com o museu histórico, né? E depois ela virava, tinha as oficinas, tinha o macacário, tinha o centro de toxilogia aplicada. Tinha depois o edifício Lemes Monteiro, e o outro que a gente chama aqui, também sem nome, de Cabeça de Cavalo, porque tem uns alto-relevos lá. É ligado à veterinária, tinha cabeça de cavalo, cabeça de boi, tinha diversos animais. Então, o pessoal daqui chama de cabeça de cavalo. Aí completava esse circuito aqui. Então essa era a idéia original.

Prof. Gaeta: Quer dizer então que nessa idéia original os painéis iam dialogando com os lugares, faziam toda essa volta e iam conduzindo os visitantes?

Prof. Canter: É, era uma maneira de induzir esse tal trajeto aqui. Acontece que era uma comissão que tava estabelecendo isso. Depois que eu fiz essa proposta aí eles acharam que na hora que saísse um pouco de vista, da parte mais freqüentada, ele ia ser alvo (vamos usar um termo aí) de predadores, porque tinha já muito estudante, vem muita gente nem sempre bem-intencionada. Então eles disseram: vamos fazer o seguinte, vamos fazer só na alameda. A alameda é muito bonita. Aqui na época de abril, março, quando aquelas paineiras ficam carregadas, fica muito bonita essa alameda aí, entende? Tem até um projeto, que não foi pra frente, de se fazer uma espécie de calçada, de impedir a passagem de veículos ali. É que lá na outra ponta tem um hospital e não pode ser fechado. Talvez deixar só uma pista de acesso ao hospital e fazer o resto como um calçada pro pessoal poder andar. Vem muita gente aqui, passeia, fica ali perto do estacionamento, tem aquele campo grande ali, o pessoal faz piquenique aqui embaixo da árvore, então tem essa parte toda. Bom, então ficou isso: e o que vamos colocar? Se vai ficar num lugar só já não vai contar a história dos outros. Então a alternativa que nós achamos foi atribuir pra cada um dos membros daqui da comunidade do Butantan a incumbência de contar a história da sua unidade. Então é contado, originalmente eram 20 painéis, que contavam a história dos vários laboratórios e tudo mais. Depois houve uma reforma em 90. Aí nós atualizamos e botamos mais 2, são 22. Aí fizemos um projeto, a fundação pagou uma parte, a FAPESP ajudou também. Teve a colaboração do Yázigi, de línguas. Todo mundo fez, depois uma comissão colocou numa linguagem igual pra uniformizar o estilo. Aí eu fui procurar o autor do museu que tinha me inspirado, que é o arquiteto Julio Abe, que eu já conhecia. Ele tinha feito aquele museu histórico. Dos painéis também ele participou, ele também conhecia umas historiadoras que participaram daquele projeto, e é uma figura extremamente simpática e colaboradora e tal. Já fez outro museu de rua, fez o museu de rua do horto Você viu que tem um horto aqui à direita? Então, esse horto também tem história. Ali, dentro do horto tem uma casinha, e o horto em si. Muita gente erroneamente pensa que ele é um horto original. Ele não é original, ele é um horto artificial, ele foi plantado. Porque no começo da história aqui do Butantan, nos anos 10 de 1900 ainda, nós tivemos aqui a presença de um botânico, o botânico que depois criou o horto, e o objetivo inicial era que se fizesse a plantação de plantas de uso medicinal. Então eram plantas que tinham efeito antidiarréico, contra protozoários, contra vermes, enfim, várias. E ele plantou esse horto. Nós temos fotografias aqui do horto sem essa vegetação exuberante que ele tem hoje. Era um canteiro simples, né? Então, nós instalamos dentro do horto lá

um laboratório que chama (como é que chama?), é o Centro Terra Firme, que é o centro de educação Terra Firme. Terra firme porque o nome Butantan significa terra firme. Bu-tan-tan, em tupi-guarani quer dizer terra-firme-firme, etimologicamente falando. Lá é um núcleo de educação ambiental. Então o pessoal quando tem que ir até lá, eles descem a alamedinha e são 5 painéis que contam a história do horto. Só que, ao invés de ter o suporte que nem tem aqui na rua principal, como tá dentro do horto, eu falei com o Julio e dei uma idéia boa, ao invés de colocar suporte metálico, por tronco, sabe? Então elas são sustentadas pelo tronco, então tem isso aí. Essa é a história do museu de rua.

Prof. Waldemar: Então, e ali na alameda foi feito assim...

Prof. Canter: Ah, desculpe, só completando, depois pode perguntar a vontade. O Julio falou assim: isso aqui vai agüentar uns 3, 4 anos. Agüentou dez tranqüilo. Só que a concepção original era diferente, que tinha a lâmina com a figura, e era ensanduichada em acrílico. Acontece que o acrílico, quando vai exposto muito tempo, ele vai ficando amarelado, né? E começa a estilhaçar alguma coisa. E aí aquela parte que eu comentei antes, tem muito vandalismo aí, né? Aí teve batida, então ficou riscado, rachou, aí começa a cair e tal. Então na reforma, ele também evoluiu com a técnica de material dele, então ele falou: agora tem um material novo que não precisa por acrílico, não precisa acrílico, não precisa por nada. Tem um novo adesivo que na própria placa ele já vem, e ele agüenta bem, ele já tá há quase... isso aqui nós inauguramos no centenário, aí em 2001 pra 2002, e ele tá bom. E ele é lavável, você pode lavar. A única coisa que ele acumula é poeira em cima. Então tem esse detalhe. Ele também, a parte de sustentação, aquelas pedras, ele mudou um pouquinho, mas é isso aí. E sabe de uma coisa? O pessoal gostava muito do museu, então eles reclamavam: professor, por que a gente gasta tanto tempo pra vir aqui? Então eu tive a idéia de transpor o museu de rua pro cara levar o museu de rua pra casa. [*O professor pega um livro contendo a história do Instituto Butantan e reproduzindo o Museu de Rua*] Aí no centenário eu juntei todinho aqui: 100 anos de Butantan, que nada mais é do que, atualizei algumas coisas aqui, né? E liguei esse volume, o laboratório ajudou, foi ditado, foi acrescentada alguma coisa, por exemplo, uma parte da história da imunologia, alguns dados, um colega meu acrescentou aqui, o Osvaldo. Lá só tem fotos em branco e preto, né? Então, eu deixei em branco e preto as fotos históricas, né? Aquelas que são antigas e intercalei, entre um caderno e outro, uma foto colorida de áreas importantes. Então tem o biotério, aqui, tem a parte de produção também (produção foi privilegiado), pesquisa, que são as áreas importantes daqui. E a parte cultural, que tem o animal, não poderia faltar, né? E a parte do museu. Esse aqui é o museu antigo, antes da reforma, o museu biológico, agora já tá diferente. Não vou dar nenhum pra vocês porque infelizmente esgotou. Realmente acabou esse. Vou começar a fazer a cabeça deles porque ano que vem, o ano é 2011, já são 110, é uma data redonda, e já pode justificar uma atualização do próprio museu de rua, porque, é incrível mas aqui, felizmente, o Butantan está, nesses últimos 10 anos, ele deu um salto muito grande em todos os aspectos: pesquisa, produção. Eu sou diretor cultural, a minha parte também, surgiu o museu de microbiologia. Foi agora criado o centro de difusão científica que é a restauração daquelas oficinas que havia lá: eram oficinas de serralheria, serralheria e um paiol de madeira, lá, onde que eram guardadas. Então, com o auxílio da FAAP, do departamento lá de engenharia e arquitetura, funcionou como um trabalho dos alunos, sob a

supervisão dos professores, aquela parte foi restaurada, se preservou da maneira original o máximo que se pode, e transformou aquilo num centro de difusão. Tem um cinema lá embaixo, uma sala de cinema com 100 lugares, mais ou menos, e áreas de exposição em cima.

Prof. Gaeta: E ali onde era a escola, o grupo escolar é o que?

Prof. Canter: Ali agora tem o laboratório de herpetologia, e também o laboratório especial de história da ciência e um pedaço do museu histórico.

Prof. Gaeta: E vocês têm historiadores aqui?

Prof. Canter: Temos. No museu histórico tem um historiador, e no laboratório especial de história da ciência também tem. Lá tem um médico, que é professor da Santa Casa, vice-diretor aí também, o Nelson Ibanez. Tem um pesquisador lá, tem uma historiadora nova que chegou lá, mas tem uma outra médica que faz o papel dela, se interessa por isso, e no museu histórico tem a historiadora que é a chefe e tem, acho, 3 bolsistas que são historiadores também. É pouco, sempre pego como exemplo, é inveja nossa aqui, a casa de Oswaldo Cruz, lá do Rio de Janeiro. Eles têm um staff de mais de 30 pessoas lá. Tem historiadores, biólogos, tem de toda especialidade, e fazem jus porque é muito bacana lá aquele setor.

Prof. Gaeta: Mas tem aquele painelzinho, lá em frente, que parece que manteve o espírito original.

Prof. Canter: Ali, onde está aquele refeitóriozinho, aquele quiosque lá, ali era um lugar muito importante aqui do Butantan, ali se instalava a recepção, que foi um prédio. Aliás eu fui contra, aí eu fiz questão de colocar aquilo lá, porque eu fui voto vencido nesse negócio. Acho que não deveria ter sido mutilado do jeito que ele foi, ele tinha estilo, ele era do estilo arquitetônico da década de 50, com aquelas coluninhas inclinadas, é típico, se você der uma olhadinha em algumas coisas lá do Parque Ibirapuera lá do Niemayer tem muitas coisas que são assim. Ela é toda, todinha envidraçada, ela tinha um piso lá de cerâmica, no centro tinha um quadrado afundado, e, na época o Butantan recebia uma quantidade muito grande de serpentes, porque, quando o pessoal do interior pedia material, eles recebiam uma caixa e um laço. E, naquela época, nós tínhamos o estado bem provido de ferrovias. Então dava pra ele pegar as cobras na fazenda, no sítio, seja onde for, ele colocava na caixa, e tinha uma etiqueta que vinha junto, que ele colocava. Já vinha com o nosso endereço e ele colocava o dele Iá na estação, lá no fim do mundo aonde ia o ramalzinho e na estação o chefe da estação automaticamente botava no lugar no trem e já vinha pra cá. Aqui ela chegava na Estação da Luz, Estação Sorocabana, e lá na estação do Pari. O Butantan mandava toda segunda e sexta-feira, saía um caminhão daqui e passava pelas 3 estações e vinha com caixas até em cima, lotado, e depositava do lado de fora ali da recepção. No dia seguinte vinham os funcionários lá da herpetologia, a estação de serpentes, e eles faziam a recepção do material, a triagem. No que consistia: eles abriam as caixas, identificavam na hora, tinha um sujeito que ficava numa espécie de um púlpito ali, fechado e isolado, porque o técnico jogava as cobras tudo no chão ali, naquele espaço. Então ele ficava ali, era uma escrituraria, e ele ia cantando: ó, jararaca! Quem que mandou tal. E isso funcionava como um banco. Era um depósito que aquelas pessoas estavam fazendo, e o crédito delas eram ampolas de soro. Então

ficava ali a chegada, não me lembro mais, mas tinha tabela, então pra cobra adulta valia duas ampolas, 3 filhotes uma ampola, e aí por diante. E isso era uma coisa indicativa. Como era muito engraçado, ficava assim de gente em volta, era uma atração para o pessoal visitante. Depois com o tempo foi diminuindo. Hoje em dia acabaram com os canais ferroviários, a urbanização intensa ataca o meio-ambiente. Então, naquela época a gente recebia 18, 19 mil cobras por ano, agora deve vir umas 4 ou 5 mil, se tanto, mas era uma atração e isso tinha que ser preservado, na minha concepção, ou pelo menos ser mantido como tal. Aí alteraram tudo pra fazer uma lanchonete lá. Aí eu falei: bom, mas que não se perca a origem. Então, como estava do lado do museu, e o museu tinha sido cocheira, então eu fiz o lado que está virado pra lá falava da lanchonete, da recepção. E o lado que está virado pra cá falava do museu, não como museu, mas como cocheira que ele foi em 1920. E eu queria fazer mais um lá na frente desse prédio que você falou, do grupo escolar, que até encomendei isso pro pessoal lá pra falar sobre o grupo escolar, sobre Vital Brasil, sobre a casa da fazenda e sobre a coleção científica, a história dela, botar mais ali também.

Prof. Gaeta: Agora uma coisa interessante também aqui é essa dimensão que é cultural, que está acontecendo com a instituição. Essa dimensão cultural, como ela foi ganhando autonomia. Desde quando o instituto começou sempre houve uma preocupação assim?

Prof. Canter: Desde o início. O Vital Brasil foi um sujeito privilegiado, ele teve uma cabeça daquelas. Na realidade, o início daqui do instituto foi para produzir os soros anti-pestosos, aquela epidemia de gripe, aquele negócio de vírus, de peste e tudo mais. Acontece que isso foi uma coisa, digamos, efêmera, porque se conseguiu a produção do respectivo soro e com isso tava encerrada a missão. O museu histórico é o local onde ele instalou o primeiro laboratório. É uma restauração, cujo piso, nós descobrimos ali naquela região. Tinha umas cuideiras lá do biotério que foram destruídas. Na hora que tiraram, viram que tinha um piso diferente, e formava uma área e tal. Aí se descobriu que lá era realmente um antigo laboratório onde Vital Brasil começou a trabalhar. Então a partir de fotos antigas, o que é que se fez: tinha o pessoal do FUNDUSP, que é a turma de arquitetura, tinha um arquiteto, Manini, lá que era muito interessado sempre. Então conversamos com ele e tudo, o diretor aqui encampou a idéia e se reproduziu ali o laboratório especial. Tinha o piso e tinha uma parede, tanto é que nessa parede, tem um pedaço dela que nós deixamos sem estuque, pra ficar na parede os tijolos originais. Então foi restaurada ali a coisa, né? Então tem esse detalhe aí lá do museu histórico. Então é isso, aos poucos foi surgindo o museu histórico, só tinha o museu biológico. A minha antecessora da divisão cultural, porque eu era o chefe do museu, e tinha uma colega que ela era pedagoga, e que era incumbida da seção de bolsas aqui. Aí ela saiu do Butantan uma época, foi para o Ministério da Educação e Saúde e depois ela voltou pra cá como diretora da divisão. O nome dela era Rosa Pimon. Por um ano e meio eu fui substituto dela. Ela foi para o Congresso do SBPC lá de Fortaleza e faleceu num acidente. Um ônibus a atropelou e a nossa bolsista que estava junto. As duas estavam paradas no ponto de ônibus e o ônibus atropelou as duas. Aí foi um drama pra nós todos aqui, e eu acabei ficando no lugar dela e ela tinha começado o projeto, junto ao CNPQ, de, trocando em miúdos, a simplificação da informação técnica-científica. Então envolvia a realização de cursos para vários níveis, a produção de material áudio-visual, a parte de filme, slides na época e folhetos e cartazes. Então, eu

fiquei no lugar dela e eu toquei esse barco. E foi ampliando, né? Então, naquela época que fazia parte nós tínhamos, era tudo mimeografado. O que a gente queria mandar pra ensino, o que hoje é ensino fundamental, era em papel cor-de-rosa, o que era pra ensino médio, papel azul, enfim. Era dividido em função das cores porque a gente tinha que facilitar a distribuição. Mas depois resolvemos unificar, de um modo geral, e evoluir a apresentação, que saiu do mimeógrafo. E essa aqui [mostrando o folheto] já é, não digo enésima, mas já é uma edição que passou muito adiante, passou por vários outros formatos. Esse é o formato atual. E tínhamos quatro números. O 1 falava de animais peçonhentos, soros e vacinas, história do Butantan, e era basicamente isso. Mas, com o tempo, foi aumentando. Então, demos o nome. Chamava série didática, e ela foi crescendo. Hoje nós já estamos no número 11. E eles iam saindo, então a ordem inicial era uma ordem aleatória, completamente sem sentido, porque ninguém tinha produzido. Agora pega praticamente todas as áreas do Butantan. Em 2006, nós pedimos um dinheiro pro CNPQ, pedimos um x e eles deram x menos todo o resto do abecedário Quer dizer, não dava pra nada, descaracterizou o projeto, era uma coisinha de nada. Então, mandamos uma carta e eu falei: "Dá pra fazer um único empréstimo? Em vez de a gente fazer tudo que a gente ia fazer?", "Ah, pode usar o dinheiro pra isso". Então nós pegamos isso aqui e consolidamos tudo num único volume, entende? Só que agora usamos numa ordem didática, de criação, de área tal a área tal e assim por diante. Vou dar uma coleção pra vocês desse negócio aqui. E tem cartazes também que a gente produziu. Isso aqui [apontando para uma planta de localização ilustrativa] não é nosso. Como eu vi que ele ficou olhando ali o mapa, isso aqui é da Cidade Universitária. Olha que bacana. ... o Butantan lá na pontinha. Esses dois caras são Gepp e Maia [autores de mapas ilustrados de São Paulo]. Há muitos anos atrás eles eram colaboradores do Jornal da Tarde, e toda semana saía no jornal da tarde um bairro da cidade, alguma coisa assim, sabe? E eu queria fazer um desse daqui pro Butantan, só que aquele lá é uma visão empobrecida. Mas ele fez pra USP, de 70 anos. 75. Bacana, realmente, não tem proporção, né? Ele é alterado para caber tudo aqui dentro.

Prof. Canter: Então, você sabe que nós temos um projeto de sinalização aqui pro Butantan. Porque essa área é precaríssima, você deve ter percebido que é muito precária. Só que não tem dinheiro e a gente não arranja um patrocinador pra fazer isso. A gente aceita até que coloque um logo, alguma coisa lá pra custear, mas não arranjamos. E já houve uma época que nós colocamos aí no pátio, pelo menos no caminho, plaquinhas, que tinha o nome da família, o nome científico e popular de cada espécie que tava no caminho. Então tinha: família, quaresmeira, tal, e aí por diante.

Prof. Gaeta: Está bem, professor. Nós adoramos aqui, o biólogo mais ainda. Então nós estamos comprando a idéia do museu de rua, hein? Estamos copiando.

Prof. Canter: Eu tenho um único compromisso: o Julio [Abe], vem toda hora para cá e ele acompanha, é amigo, tudo. Inclusive quando ele inaugura algum museu de rua, dá uma olhada. Ele fez um no Bexiga, né? Não sei se ainda tá lá. Ele foi chefe também do Centro Cultural Vergueiro, durante uma época, e vocês, quando executarem a idéia, mandem uma fotografia, mandem uma notícia pra gente aqui, pra saber.

Prof. Gaeta: Vamos mandar um convite para a inauguração!

Prof. Canter: Não é cobrança de nada, é uma satisfação, que é essa idéia, e que vocês passem ela adiante também, entende?

Prof. Gaeta: Está certo, professor. Muito obrigado, viu?